

**“Mais filhos ou menos filhos? Uma contribuição para a
compreensão da
relação entre pobreza e número de filhos”
Ana Pires de Carvalho (PhD)**

***“Conference “Challenges of social and economic research
in times of crisis”, organized by IESE”***

Maputo, 19-21 of September, 2017

Rápido crescimento populacional :

- Economia (diminuição do PIB/per capita)
- Emprego
- Saúde
- Educação
- Stress nos ecossistemas
- Produção de alimentos
- Água

Experiência de vários países no mundo tem vindo a dar crédito ao postulado de que rápido crescimento populacional contribui para a pobreza a nível *macro*:

- Headey e Hodge (2009) mostraram que *os efeitos negativos de grande crescimento populacional têm aumentado com tempo*, de acordo com uma meta-análise de regressão de dados internacionais a partir de 1980
- O declínio da pobreza tem sido correlacionada com decréscimos rápidos da fecundidade e taxas de crescimento de população mais baixas no Sul e Este da Ásia (Kim et al. 2006)
- May (2008) atribui 40% do chamado milagre dos Tigres Asiáticos ao declínio da fecundidade e consequente alteração na estrutura de idades
- Sippel et al (2011) num estudo de 103 países (subdesenvolvidos e recentemente saídos do subdesenvolvimento) provaram cientificamente que *nenhum país se desenvolveu significativamente sem uma diminuição dramática dos níveis de fecundidade*

Principais estudos a nível micro:

- Kamuzora (2001) analisou os dados do Inquéritos Demográficos e de Saúde de vários países Africanos, incluindo Moçambique e usou regressão logística para determinar que características determinavam se um agregado familiar era pobre ou menos pobre. Os agregados familiares foram considerados pobres e ou menos pobres em função dos valores correspondentes de um ***índice de bens duráveis***. O autor do estudo concluiu que nalguns países, incluindo Moçambique, a categoria de pobre estava associada a menores agregados familiares enquanto que noutros países a relação era contrária;
- Orbeta (2005) concluiu que, nas Filipinas e entre as famílias pobres, a diferença do ***rendimento médio dos agregados*** familiares de nove membros ou mais para a linha de pobreza era mais do dobro do que a média dessa diferença num agregado familiar de quatro membros.

Principais estudos a nível micro: (cont)

- Arif (2013) analisou os resultados de um *inquérito longitudinal sobre receitas e despesas* na região rural do Paquistão e concluiu que o elevado número de membros dos agregados familiares e o elevado rácio de dependência influenciam o nível de vida das pessoas, mesmo dos agregados que têm alguma terra. Concluiu que o tamanho do agregado aumenta o risco de um agregado se manter na pobreza crónica ou na pobreza transitória e portanto as famílias grandes eram menos prováveis de pertencerem à categoria 'nunca pobre'

Tabela 2: Relação entre pobreza e características demográficas em Moçambique *(fonte: WB)*

	1997		2003		2009	
	Pobres	Não Pobres	Pobres	Não Pobres	Pobres	Não Pobres
Tamanho agregado familiar	5,51	3,75	5,28	4,39	5,16	4,23
Nº Crianças Menores 7 anos	1,32	0,69	1,44	0,90	1,50	0,92
Nº Crianças 7-14 anos	1,43	0,72	1,27	0,84	1,28	0,89
Nº Adultos 15 anos ou mais	2,77	2,35	2,57	2,56	2,38	2,42

Tabela 1: Percentagem de Pobres e Taxa de Fecundidade Total nas Províncias de Moçambique

	Percentagem Pobres (A) <i>(fonte: WB)</i>	Taxa de Fecundidade Total(B) (<i>fonte: IDS</i>)
NIASSA	44	7,1
CABO DELGADO	44	6,6
NAMPULA	60	6,1
ZAMBÉZIA	71	6,8
TETE	59	6,8
MANICA	53	5,8
SOFALA	57	6,1
INHAMBANE	40	4,9
GAZA	38	5,3
MAPUTO	25	4,1
MAPUTO CIDADE	10	3,1
	Correlação(A:B) =	0,844913***

OBJECTIVOS DO ESTUDO / METODOLOGIA

- O objectivo deste estudo é portanto analisar a relação entre a fecundidade e a pobreza em Moçambique
- A base de dados usada é a base de dados do Inquérito Demográfico e de Saúde (INE, 2011). A base de dados utilizada inclui 13.750 mulheres dos 15 aos 49 anos de idade e esta amostra inclui todas as províncias do país
- Indicador da pobreza: uso de um índice calculado com base na pcessão de bens duráveis e quintis do mesmo
- Análise bivariada e regressão logística

Figura 1: Gráfico do índice de pobreza do IDS para o País Total e Zonas urbana e rural

Percentagem de agregados familiares por valor do índice de pobreza, País total, Urbano e Rural



Figura 2: gráfico comparativo dos quintis de pobreza nas zonas rurais e urbanas

PERCENTAGEM DE AGREGADOS FAMILIARES URBANO E RURAL EM CADA QUINTIL DE RIQUEZA

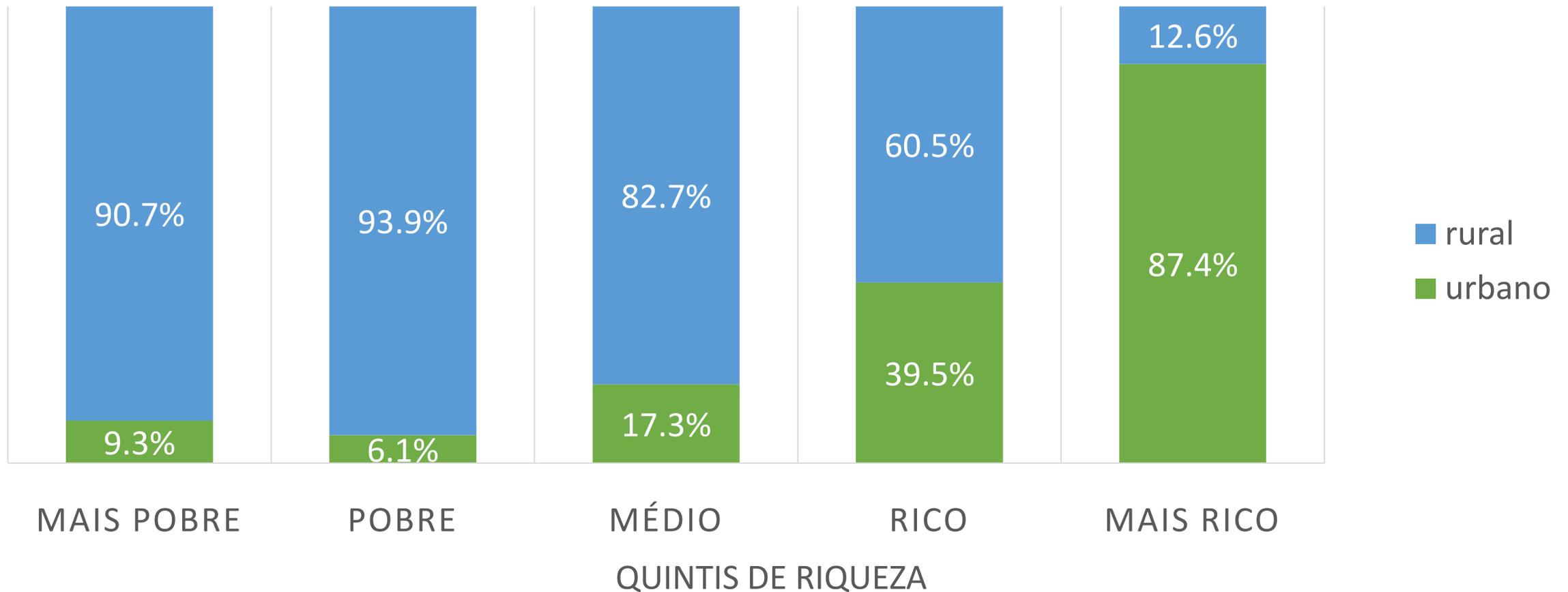


Tabela 3: Número de agregados familiares das variáveis 'pobreza 1' e 'pobreza 2' no País, zona urbana e zona rural

	País Total		Urbano		Rural	
	Pobres	Não Pobres	Pobres	Não pobres	Pobres	Não pobres
Pobreza 1	10506	3239	1943	2830	8563	409
Pobreza 2	7723	6022	843	3930	6880	2092

Variáveis explicativas socio-económicas e demográficas:

- Nº de pessoas no agregado familiar
- Nº de crianças com 5 anos de idade ou menos no agregado familiar
- Nº total de filhos que a mulher teve
- Grupos de Idade da mulher
- Educação da mulher
- Idade Chefe Agregado familiar
- Urbano/rural

Os resultados da análise bivariada mostram que nos 6 modelos as tendências são as mesmas:

- Quanto *maior* é o agregado familiar *menor* é a percentagem de agregados familiares pobres;
- Quanto *maior* é o número de crianças com 5 anos ou menos, *maior* é a percentagem de pobres;
- No grupo de mulheres que tenham tido *mais* filhos a percentagem de pobres é *mais* elevada;
- As mulheres *mais* velhas tendem a ser *mais* pobres;
- Quanto *mais* elevado é o nível de educação, *menos* percentagem de agregados pobres;
- Se os chefes dos agregados familiares são *mais* velhos, a percentagem de agregados familiares pobres é *menor*;
- Na zona rural as pessoas são *muito mais* pobres que nas zonas urbanas.

Tabela 6: Rácios de chance de não ser pobre (Pobreza 1) no País, Urbano e Rural

Variavel	PAIS	URBANO	RURAL
	Rácio de chance/ significância	Rácio de chance/ significância	Rácio de chance/ significância
Nº de pessoas no agregado			
1-3	0,10***	0,13***	0,06***
4-6	0,20***	0,23***	0,16***
7-9	0,43***	0,52***	0,30***
10+	1	1	1
Nº de crianças ≤5 anos			
0	4,58***	4,76***	3,42***
1	3,84***	3,93***	3,01***
2	1,79***	1,67***	1,89*
3+	1	1	1

Tabela 6: Rácios de chance de não ser pobre (Pobreza 1) no País, Urbano e Rural (cont.)

Variavel	PAIS	URBANO	RURAL
	Rácio de chance/ significância	Rácio de chance/ significância	Rácio de chance/ significância
Total nº de filhos			
0	5,92***	6,39***	5,75***
1-2	4,98***	5,21***	4,86***
3-4	4,79***	4,69***	5,37***
5-6	2,57***	2,80***	2,15
7+	1	1	1
Grupos de Idade			
15-19	0,23***	0,22***	0,23***
20-29	0,51***	0,50***	0,47**
30-39	0,80	0,71**	1,01
40-49	1	1	1

Tabela 6: Rácios de chance de não ser pobre (Pobreza 1) no País, Urbano e Rural (cont.)

Variavel	PAIS	URBANO	RURAL
	Rácio de chance/ significância	Rácio de chance/ significância	Rácio de chance/ significância
Educação			
Sem educação	0,03***	0,04***	0,02***
Primaria	0,14***	0,18***	0,09***
Secundaria +	1	1	1
Idade Chefe Agregado			
Até 29	1,23	1,04	1,87
30-59	1,63***	1,67***	1,45*
60+	1	1	1
Urbano/rural			
Urbano	18,11***		
Rural	1		

Conclusões:

- Para ambas variáveis dependentes 'Pobreza 1' e 'Pobreza 2' a variável explicativa mais importante é se o agregado pertence à zona urbana ou rural. Na verdade, em ambos modelos a chance de uma mulher/agregado familiar não ser pobre se for urbana é de 9 a 18 vezes maior do que a chance a chance de uma mulher/agregado for rural.
- Se uma mulher não tiver educação, tem 2% a 6% (consoante os modelos) das chances de não ser pobre que uma mulher com ensino secundário ou mais tem.
- O número de filhos que uma mulher teve é muito importante: por exemplo, as chances de uma mulher que tenha tido um filho de não ser pobre são cerca de 3 a 5 vezes maiores do que uma mulher que tenha tido 7 filhos ou mais. No entanto, uma mulher que viva em agregados familiares numerosos, tem muito maior probabilidade de não ser pobre do que as mulheres que vivem em pequenos agregados
- As mulheres mais velhas tendem a ser menos pobres
- O número de crianças que têm 5 anos ou menos também é importante para a pobreza das famílias: quanto mais crianças pequenas nos agregados familiares, maior a probabilidade de serem pobres. Estes são os principais resultados da análise multivariada logística

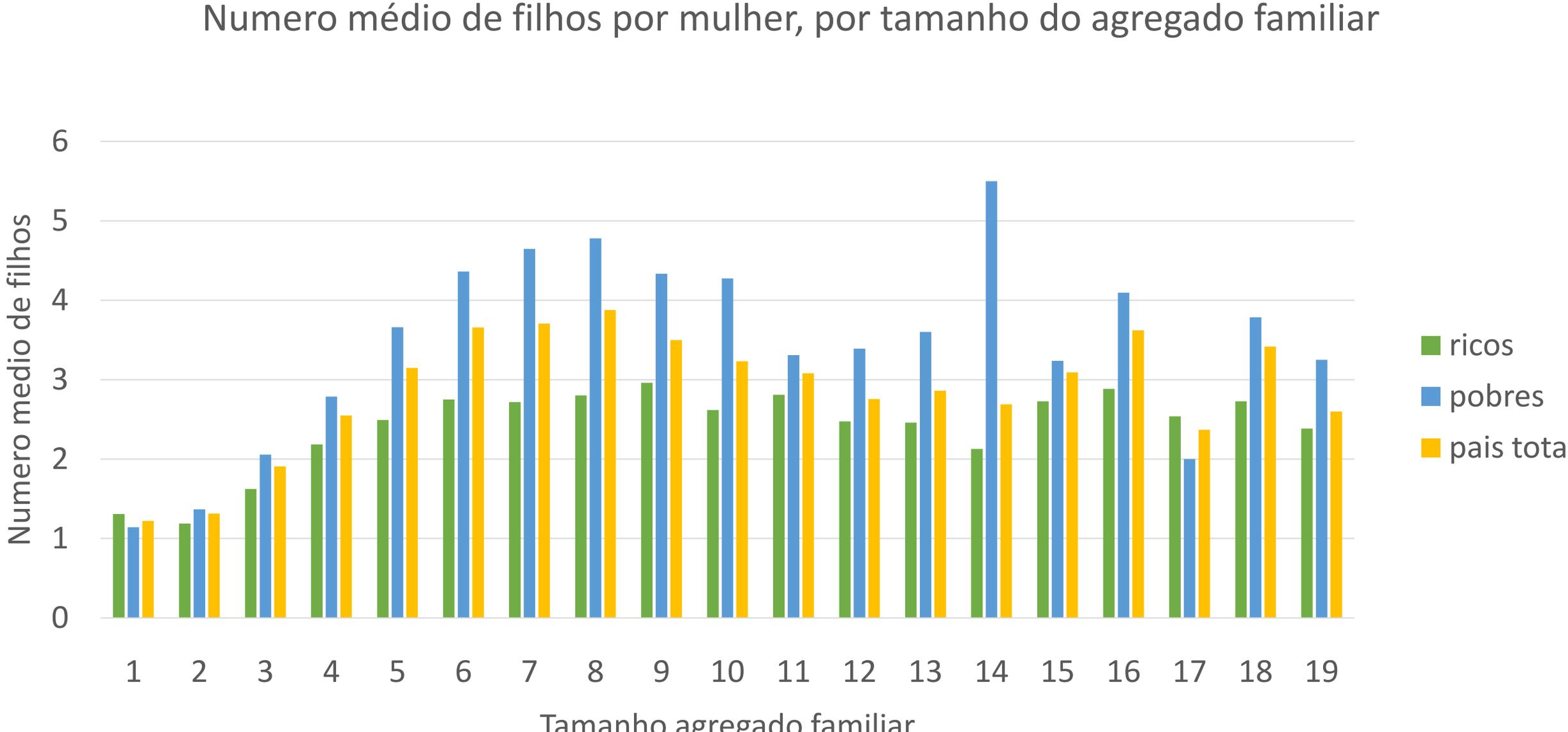
Conclusões (cont)

A aparente contradição entre o efeito de altos níveis de fecundidade e o efeito dos agregados familiares grandes, explica-se pelo facto de que a fecundidade da mulher não determinar o tamanho do agregado familiar.

O agregado familiar provavelmente é constituído por outras pessoas que não sejam da família nuclear e portanto possivelmente mais adultos farão parte do agregado. Nos agregados familiares grandes os custos das crianças são partilhados por um grande número de familiares (Kamuzora, 2001).

Este estudo é baseado num conceito de pobreza de posse de bens duráveis. Ora um grupo grande de pessoas poderá mais facilmente juntar as suas posses para comprar um bem durável do que as mesmas pessoas vivendo isoladamente. Além disso, há um crescimento de riqueza que se vai amontoando com o tempo e conseqüentemente com o aumento do tamanho do agregado familiar.

Figura 4: Número médio de filhos por mulher, por tamanho do agregado, ricos, pobres (segundo definição de Pobreza 2) e pais total



Conclusões (cont)

Elevados níveis de fecundidade contribuem para a pobreza ao nível da família, apertando o orçamento familiar, reduzindo os recursos para alimentar, e dar educação a cada filho. É de notar que efeito da fecundidade na pobreza é mais forte nas zonas urbanas que nas zonas rurais, mas mesmo nas zonas urbanas o efeito é elevado. Já o tamanho do agregado familiar tem um efeito oposto. Como anteriormente apresentado, o tamanho do agregado familiar não depende consideravelmente da fecundidade da mulher.

Tendo em conta que uma família pobre em geral tem mais filhos que uma família não pobre, e se a transição de pobre para rico for difícil, na geração seguinte o número de pobres aumentará assim como a sua percentagem na população total.

OBRIGADA!